

caminhos

Publicação da **Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez** | N.º 8 | Setembro 2021



**TOMADA DE POSSE
DA MESA ADMINISTRATIVA**



14

**VISITA DO SENHOR
PRESIDENTE DA REPÚBLICA**



19

**AS PROCISSÕES PRO PLUVIA
E PRO SERENITATE**



48

VIAJANTES, PEREGRINOS

E MIGRANTES, NO PERÍODO MODERNO.

A POPULAÇÃO ARCUENSE EM CIRCULAÇÃO NOS SÉCULOS XVII E XVIII



Liliana Neves

Investigadora do Lab2PT

A circulação da população tem sido uma constante ao longo das diferentes épocas históricas. O movimento de pessoas possui razões diversas, como as peregrinações, migrações, tratamento de doenças ou negócios.

As principais formas de locomoção, no período moderno, sobre o qual nos debruçaremos, consistiam em andar a pé ou a cavalo. Contudo, esta última apresentava-se bastante dispendiosa, pois implicava a posse e alimentação do animal. Os grupos sociais mais favorecidos podiam recorrer ao uso de coches e carruagens, onde conseguiam um maior conforto e aconchego para as deslocações. Por fim, havia a possibilidade de fazer as deslocações através de barco. Era uma das formas mais rápidas de locomoção, mas também uma das mais perigosas, devido às muitas tempestades que levavam ao naufrágio das embarcações.

¹ Liliana Neves é investigadora do Lab2PT e bolsista de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, com referência de bolsa SFRH/BD/135711/2018.

1. As viagens no período moderno

Ao longo das estradas, muitos eram os perigos que aguardavam os viajantes. Um dos principais era constituído pelos ladrões. Estes escondiam-se nas bermas dos caminhos, em locais recônditos, e aproveitavam para atacar os passageiros, roubando-os e violentando-os.² Também as diferenças linguísticas, dos diversos territórios por onde passavam, colocava estes indivíduos em situações de debilidade.³ Com frequência eram enganados e explorados tanto por barqueiros, como por donos de estalagens ou cambistas que lhes cobravam valores muito altos, dando-lhes má comida ou mentindo-lhes sobre o valor das suas moedas.⁴ Também o cansaço dos longos dias de caminhada, aliado à falta de cuidados alimentares adequados, podia originar doenças. Considerado um veículo transmissor de maleitas, os viajantes eram impedidos de entrar em vilas e cidades, em momentos de epidemias.⁵

A falta de condições das estradas era outro dos grandes entraves, afetando a progressão dos transeuntes. As que não eram empedradas transformavam-se em verdadeiros lamaçais, no tempo das chuvas. Por outro lado, ficavam cobertas de pó, no Verão.⁶ Estes dois fatores podiam condicionar

²Barret, P. Gurgand, J. N. A vida dos peregrinos polo camiño de Santiago. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 1978, pp. 74, 75.

³Julia, Barret, P. Gurgand, J.N. A vida dos peregrinos... pp. 111 e 112.

⁴Muñoz Párraga, María del Carmen. "La arquitectura monástica de atención al peregrino: hospitales y hospedeiras". Em García de Cortázar, José Ángel. Teja. Ramón (coords.), Monasterios y peregrinaciones en la España medieval. Espanha: Fundación Santa María la Real, Centro de Estudios del Románico, 2004, pp. 72-91; Barret, P. Gurgand, J.N. A vida dos peregrinos..., p. 93.

⁵Julia, Dominique. "Pour une géographie européenne du pèlerinage à l'époque Moderne et Contemporaine". Em Boutry, Philippe. Julia, Dominique (dirs.), Pèlerins et Pèlerinages Dans L'Europe Moderne. Paris: École Française de Rome, 2000, pp. 60-63.

⁶Muñoz Párraga, María del Carmen. "La arquitectura monástica..." pp. 63-64

a velocidade a que os caminhantes circulavam e atrasar a sua progressão. Também a travessia de locais onde não existiam pontes poderia ser um problema grave. Os viajantes viam-se obrigados a fazer desvios, até encontrarem uma ponte ou um local onde o rio pudesse ser atravessado a pé. Muitos acabavam afogados nessas tentativas.⁷ Outras vezes, recorriam à passagem pelos barqueiros.⁸ Por isso, era comum as elites ordenarem a construção de pontes ou a colocação de barcas gratuitas.⁹ A falta de condições das estradas era outro dos grandes entraves, afetando a progressão dos transeuntes. As que não eram empedradas transformavam-se em verdadeiros lamaçais, no tempo das chuvas. Por outro lado, ficavam cobertas de pó, no Verão.⁶ Estes dois fatores podiam condicionar a velocidade a que os caminhantes circulavam e atrasar a sua progressão. Também a travessia de locais onde não existiam pontes poderia ser um problema grave. Os viajantes viam-se obrigados a fazer desvios, até encontrarem uma ponte ou um local onde o rio pudesse ser atravessado a pé. Muitos acabavam afogados nessas tentativas.⁷ Outras vezes, recorriam à passagem pelos barqueiros.⁸ Por isso, era comum as elites ordenarem a construção de pontes ou a colocação de barcas gratuitas.⁹

Outra grande dificuldade era a travessia de florestas e montanhas onde não existiam povoações. Nestes locais, o caminhante podia perder-se, principalmente em altura de intempéries, ficando desamparado e podendo ter de passar noites ao relento, sem se alimentar. Em algumas zonas montanhosas da Europa, existiam mosteiros que tinham a obrigação de manter uma fogueira acesa, durante o dia, e de tocar os sinos, ao longo da noite. Desta forma, através do som ou do fumo, os viajantes perdidos eram guiados até um local seguro, onde podiam pernoitar.¹⁰

⁷Ibidem, pp. 67-68.

⁸Ibidem, pp. 72-74.

⁹Marques, José. "Os Santos dos Caminhos Portugueses". Em Revista da Faculdade de Letras, História, Porto, III Série, vol. 7, 2006, pp. 246-247.

¹⁰Von Saucken, Paolo Caucci. "Vida y significado Del Peregrinaje A Santiago". En: von Saucken, Paolo Caucci (dir.). Santiago, La Europa Del Peregrinaje. Barcelona: Lunwerg Editores, 1993, pp. 91-114.



Em Portugal, no período medieval, existia uma vasta rede de estalagens onde se podiam albergar os peregrinos e viajantes, contando-se cerca de 180, em todo o território nacional.¹¹ Só no Porto existiam seis estalagens e em Braga sete. Em Ponte de Lima, na serra da Labruja existiria uma, e outra na vila. Pela serra da Labruja passariam caminhos seguidos por viajantes que se dirigiam para a fronteira. Era ainda um percurso utilizado pelos peregrinos de Santiago. Também em Monção e Viana da Foz do Lima existiriam duas albergarias.¹² Contudo, estes alojamentos nem sempre se compunham de edifícios adaptados para o efeito. Muitas vezes, eram casas privadas que se transformaram em albergarias por vontade dos seus instituidores.

Em finais da Idade Média, registou-se um declínio das peregrinações, como resultado da Peste Negra e das fortes críticas dos protestantes, na sequência da Reforma do século XVI. Por outro lado, verificou-se um crescimento do número de pobres e vagabundos, resultado do aumento populacional que se registou nestes séculos. Estes indivíduos vagueavam pelas estradas e procuravam viver da caridade alheia.¹³ Muitos abandonavam as suas famílias e le-

¹¹Moreno, Humberto Baquero. "Vias portuguesas de peregrinação a Santiago de Compostela na Idade Média". Em Revistada Faculdade de Letras, Porto, I Série, vol. 2, 1986, p. 81.

¹²Moreira, Manuel António Fernandes. "A Misericórdia de Viana na Rota dos Peregrinos de Santiago". Em Estudos Regionais, 1993, nº 13/14, p. 62; Araújo, Maria Marta Lobo de. "Os hospitais de Ponte de Lima na era pré-industrial". Em Actas do XVIII Seminário Internacional sobre Participação, Saúde e Solidariedade – Risco e Desafios. Braga, 2006, p. 481.

¹³Mieck, Ilija. "A peregrinação a Santiago de Compostela entre 1400 e 1650. Resonancia, Transformación de Estructura e Crise". Em Almazán, Vicente (ed.), Seis Ensaíos Sobre o Camiño de Santiago. Vigo: Editorial Galaxia 1990, p. 347.

vavam uma vida de errância, obrigando as autoridades a tomar medidas.

A nível assistencial, no período moderno, houve uma tentativa de incorporação das pequenas instituições de acolhimento a viajantes em unidades hospitalares de maior dimensão. Contudo, tal nem sempre se efetivou.¹⁴ No caso português, muitas dessas anexações ocorreram através dos hospitais das Misericórdias, foi o caso de Viana da Foz do Lima, Caminha, Ponte de Lima, Braga e Arcos de Valdevez, entre outros.

As Misericórdias davam uma esmola aos peregrinos e viajantes, para que estes pudessem comprar alimentos e seguir a sua jornada. Quando possuíam hospital podiam fornecer um local seguro de descanso durante a noite e, em alguns casos, ofereciam azeite para as candeias, lenha para fogueiras, água, sal, uma esteira para dormir e, por vezes, uma refeição.¹⁵ Por norma, os peregrinos eram recebidos nos hospitais apenas por três dias, sendo obrigados a continuar a sua jornada, no fim desse prazo. Estes indivíduos deveriam apresentar uma carta de guia, passada pela Misericórdia da sua terra de origem, onde estivesse atestada a sua necessidade de ajuda, durante a viagem. Procurava-se, desta forma, afastar os mendigos e vagabundos.

Usava-se, essencialmente, o percurso Porto/Barcelos ou Braga/Ponte de Lima/Valença. Igualmente muito procurada era também a via que ligava Marco de Canaveses/Guimarães/Braga/Arcos/Monção.¹⁶ Como podemos verificar, Braga revelava-se um local central de passagem de peregrinos, o que poderá justificar-se pela grande quantidade de relíquias existentes na sua Sé Catedral, bem como noutros santuários existentes, alguns deles com indulgências, beneficiando todos os que os

visitavam. A partir do século XVI surge, com significativa importância, a via marítima Porto/Vila do Conde/Viana da Foz do Lima/Caminha/Valença.¹⁷ Esta era mais procurada pelos peregrinos do Mediterrâneo que chegavam de barco, aos portos portugueses, de onde seguiam a pé.¹⁸ A região minhota era, portanto, o principal local de passagem de peregrinos que se dirigiam para a Galiza.

A existência de caminhos privilegiados, quando tantos outros podiam e serviam os viandantes, explica-se pelo facto de estarem em melhores condições e facilitarem os percursos. É o caso de Barcelos, onde a passagem do caminho de Santiago estava intrinsecamente ligada à existência de uma ponte que facilitava a travessia do rio. O mesmo acontecia em Ponte de Lima.

2. A assistência das Misericórdias nortenhas, para com os arcuenses em trânsito, no século XVII e XVIII

Através de um documento com origem na Santa Casa de Arcos de Valdevez, recentemente encontrado, pela Dr^a Lúcia Afonso, temos notícia de que a dita vila seria local de passagem para os peregrinos de Santiago de Compostela. No ano de 1609, a Misericórdia arcuense afirmava não ter posses para terminar as obras do seu hospital e reforçava a importância do mesmo para agasalhar os peregrinos e romeiros que «de contínuo passam pella dita villa e mais o asigura e requer toda estrada de gente que há destes reinos de Portugal pera o templo do bem aventurado Sanctiago de Galiza».¹⁹ Todavia, não é possível encontrar outros detalhes sobre esses peregrinos e viajantes, na documentação da Santa Casa, como se comprova pela tese da dou-



tora Odete Ramos.²⁰ Pelo inverso, foi-nos possível encontrar vários arcuenses em trânsito, através das nossas pesquisas em arquivos de outras Misericórdias, implementadas na região Norte.

No decorrer da nossa investigação, identificámos 191 casos de arcuenses, em circulação, pelo território nacional, entre 1600 e 1800. Destes, 108 foram assistidos no hospital Dom Lopo de Almeida, no Porto.²¹ Nos hospitais das Misericórdias de Braga e Guimarães encontramos 39 e 35 casos, respetivamente. No da Santa Casa de Barcelos identificámos apenas sete casos. E, por último, em Vila do Conde foi possível encontrar dois indivíduos. Estes não eram enfermos, mas sim um preso e um viajante que faleceu no albergue e foi

enterrado pela Santa Casa.²² O falecido era João, moço solteiro que morreu no albergue do hospital e foi enterrado pela Misericórdia a três de dezembro de 1695.²³ Vinha de Abrantes, de onde trazia carta de guia com cavalgadura. Tinha 20 anos e era trabalhador, possivelmente um migrante sazonal. Foi sepultado na parte norte do adro da igreja.

Nesta época, o Hospital Dom Lopo de Almeida e o de São Marcos, em Braga, eram dois dos maiores e mais modernos hospitais portugueses, não se lhe comparando outros, na região Norte. Situados em duas grandes cidades, estes hospitais tinham um vasto corpo de assalariados que atuava nas diferentes enfermarias. Pela sua dimensão e qualidade, a eles acorriam muitos doentes, oriundos das diversas partes do reino, por vezes encaminhados de outras unidades hospitalares menores.

Note-se que, contrariamente ao que acontecia no hospital de São Marcos, o Dom Lopo de Almeida não acolhia peregrinos e viajantes. Para esse efeito existia um hospital de peregrinos, numa rua próxima. Desta forma, nos registos do hospital de Dom Lopo encontramos apenas aqueles que, estando em trânsito, haviam adoecido e necessitado de internamento e cuidados médicos. Nesse caso, o provedor do hospital dos peregrinos encaminhava-os para serem tratados pela Misericórdia.²⁴

Quando analisamos a entrada de migrantes e passageiros arcuenses, nos hospitais das Misericórdias

¹⁴ Sá, Isabel dos Guimarães. “Os Hospitais entre a assistência medieval e a intensificação dos cuidados médicos no período moderno”. Em Congresso comemorativo do V centenário da fundação do Hospital Real do Espírito Santo de Évora, Actas. Évora: Hospital do Espírito Santo, 1996, pp. 87-103.

¹⁵ Marques, José. “A assistência aos peregrinos, no Norte de Portugal, na Idade Média”. Em I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela. Porto, novembro de 1989, pp. 9-22.

¹⁶ Moreno, Humberto Baquero. “Vias portuguesas de peregrinação a Santiago...”, pp. 77-78.

¹⁷ Almeida, Carlos Alberto Ferreira de. “Os caminhos e a assistência no Norte de Portugal”. Em A pobreza e a assistência aos pobres na Península Ibérica durante a Idade Média – Actas das 1^{as} Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval. Tomo I. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1973, p. 50.

¹⁸ Moreira, Manuel António Fernandes, “A Misericórdia de Viana na rota dos peregrinos de Santiago”... , p. 63.

¹⁹ Este documento foi recentemente encontrado pela Dr^a. Lúcia Afonso, que de forma generosa o cedeu para este artigo. Consiste numa solicitação enviada pela Misericórdia ao corregedor da comarca, a 26 de agosto de 1609.

²⁰ Ramos, Maria Odete Neto Ramos. A gestão dos bens dos mortos na Misericórdia de Arcos de Valdevez: caridade e espiritualidade (séculos XVII-XVIII). Arcos de Valdevez: Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez, 2015.

²¹ O arquivo da Santa Casa do Porto é composto de séries completas, por isso, analisamos cinco anos da sua documentação em intervalos de 25 anos. Ainda assim, foi nesta Santa Casa que encontramos maior número de arcuenses assistidos.

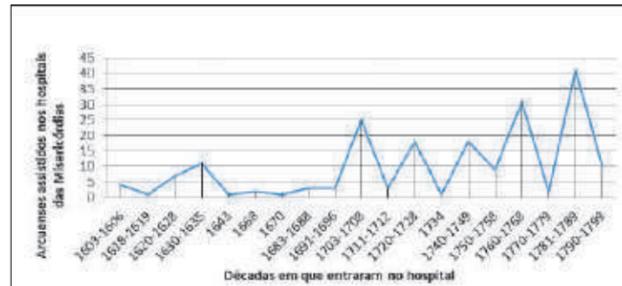
²² O preso era Domingos Gonçalves. Temos notícia dele através da ação da Misericórdia que procurava certificar-se da sua pobreza para, posteriormente, o integrar no seu rol e garantir a sua alimentação, o pagamento da carceragem e os custos de todo o processo de libertação. Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde (doravante SCMVC), Livro de Receita e Despesa do ano de 1689 para 1690, fl. 47v.

²³ ASMVC, Livro que serve de se assentarem os defuntos que esta santa casa da Misericórdia acompanha na sepultura feito no ano de 1680, fl. 54v; Livro de Receita e Despesa do ano de 1689 para 1690, fl. 47.

²⁴ Para um aprofundamento sobre estes dois hospitais veja-se as obras: Sob o Manto da Misericórdia, Contributos para a História da Santa Casa da Misericórdia do Porto, vols. I e II. Em Amorim, Inês (coord). Coimbra: Almedina, 2018; Araújo, Maria Marta Lobo de Memória e quotidiano: as visitas e as devassas ao hospital de S. Marcos de Braga na Idade Moderna. Braga: Santa Casa da Misericórdia de Braga, 2014.

em estudo, verificamos a existência de um aumento substancial no século XVIII, comparativamente ao século XVII. Estes valores poderão estar relacionados com o crescimento populacional e com um aumento da necessidade de migrar para muitos arcuenses.

GRÁFICO 1 – ENTRADA DE ARCUENSES NOS HOSPITAIS DAS MISERICÓRDIAS, NA ÉPOCA MODERNA²⁵



Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia do Porto (doravante ASCMP), Subarquivo do Hospital de D. Lopo de Almeida (doravante HDLA), Cota nº 2; 3; 6; 7; 10; 11; 15; 16; 18; 19; 24; 25; 31; 32; 33; 39; 40; 41; 63; 64; 65; 66; 67; 68. Subsérie 004 - Entradas de Enfermos de Moléstia Contagiosa (Gálico) no Hospital, Cota nº 1; 2; 4; 5; 8; 11; 12. Arquivo Distrital de Braga (doravante ADB), Fundo da Santa Casa da Misericórdia de Braga (doravante FSCMB), Livros nº65; nº 66; nº 67; nº 68; nº 69; nº70, nº 71; nº 72; nº 73; nº 74. Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos (doravante ASCMB), Livros nº 0475; nº 30; nº 29. Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães (doravante ASCMG), Livro nº 321; nº 366; nº 367; nº 368; nº 369; nº 370; nº 371; nº 373; nº 369; nº 369; nº 374; nº 375. ASCMVC, Livro que serve de se assentarem os defuntos que esta santa caza da Misericórdia acompanha na sepultura feito no ano de 1680; Livro de Receita e Despesa do anno de 1689 para 1690.

No que diz respeito à origem destes indivíduos, dos 191 casos que analisamos, 80 estavam identificados como sendo da vila dos Arcos ou do seu termo, não nos permitindo apurar a freguesia a que pertenciam. Conseguimos, no entanto, identificar as freguesias de onde eram naturais os restantes 111 indivíduos. Encontramos referências a 37, da meia centena de paróquias do concelho. Destaca-se a freguesia de Cabreiro, à qual pertenciam 23 dos assistidos, sendo quatro deles pedreiros. Seguiam-se Gondoriz com 13, Vale com oito e Sistelo e Sabadim com seis.

TABELA 1 – NATURALIDADE DOS VIAJANTES ARCUENSES²⁶

Vila dos Arcos ou termo	80
Cabreiro	23
Gondoriz	13
Vale	8
Sabadim	6
Sistelo	6
Soajo	5
Vilela	4
Aboim das Choças	4
Couto	3
Oliveira	3
Sá	3
Távora	3

Também Henrique Rodrigues verificou que a maioria dos emigrantes arcuenses para o Brasil, no século XIX, eram originários de Arcos de Valdevez, e das freguesias de Sistelo e Gondoriz. Continuavam, ainda, a ter algum destaque freguesias como Aboim das Choças, Sabadim e Cabreiro.²⁷ Conseguimos, deste modo, perceber que algumas freguesias do concelho, possuem uma forte tendência migratória, independentemente da época, destino e contexto histórico. A explicação prende-se com o facto de coincidirem com as freguesias mais populosas do concelho, à época.

Fonte: ASCMP, HDLA, Série 002 - Entradas de Enfermos no Hospital: Cota nº 2; 3; 6; 7; 10; 11; 15; 16; 18; 19; 24; 25; 31; 32; 33;

39; 40; 41; 63; 64; 65; 66; 67; 68. Subsérie 004 - Entradas de Enfermos de Moléstia Contagiosa (Gálico) no Hospital, Cota nº 1; 2;

4; 5; 8; 11; 12. ADB, FSCMB, Livros nº65; nº 66; nº 67; nº 68; nº 69; nº70, nº 71; nº 72; nº 73; nº 74. ASCMB, Livros nº 0475; nº

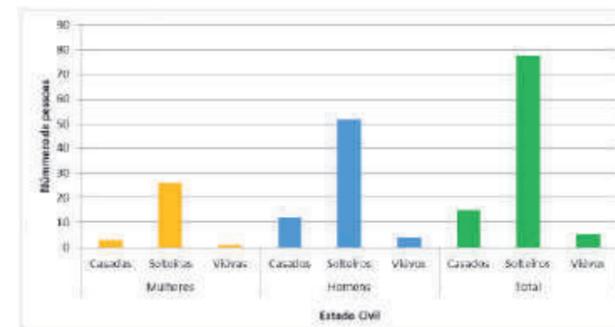
30; nº 29. ASCMG, Livro nº 321; nº 366; nº 367; nº 368; nº 369; nº 370; nº 371; nº 373; nº 369; nº 369; nº 374; nº 375. ASCMVC, Livro que serve de se assentarem os defuntos que esta santa caza da Misericórdia acompanha na sepultura feito no ano de 1680; Livro de Receita e Despesa do anno de 1689 para 1690.

²⁶ Com dois casos encontramos ainda as freguesias de Giela, Padroso, Portela, Prozelo e S. Jorge. E com um caso encontramos ainda as freguesias de Aguiã, Alvora, Ázere, Cabana Maior, Carralcova, Cendufe, Eiras, Extremo, Grade, Jolda São Paio, Mei, Gavieira (Peneda), Rio Frio, Rio de Moinhos, S. Paio, Santar, Santo André, São Cosme e São Damião, Senharei e Padreiro Santa Cristina.

²⁷ Rodrigues, Henrique. "Emigração de arcuenses no século XIX". Em Caminhos. Publicação da Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez, nº7, 2020, pp. 27-40.

A pressão demográfica sobre o território obrigaria a população que se encontrava na faixa etária ativa procurasse sustento noutras partes. Se cruzarmos os nossos dados com os do doutor Henrique Rodrigues e com as Memórias Paroquiais conseguimos comprovar essa mesma realidade. Em 1758 as paroquiais mais populosas dos Arcos eram Gondoriz com 1151 habitantes, Soajo com 1140, Rio Frio com 1004, Cabreiro com 792, S. Jorge com 772, Sistelo com 681, Vale com 676 e Sabadim com 623. As restantes freguesias tinham menos de 600 pessoas.²⁸ A insuficiência da terra para alimentar toda esta gente, obrigava muitos a partir.

GRÁFICO 2 – ESTADO CIVIL DOS ARCUENSES ASSISTIDOS



Fonte: ASCMP, HDLA, Série 002 - Entradas de Enfermos no Hospital: Cota nº 2; 3; 6; 7; 10; 11; 15; 16; 18; 19; 24; 25; 31; 32; 33;

39; 40; 41; 63; 64; 65; 66; 67; 68. Subsérie 004 - Entradas de Enfermos de Moléstia Contagiosa (Gálico) no Hospital, Cota nº 1; 2;

4; 5; 8; 11; 12. ADB, FSCMB, Livros nº65; nº 66; nº 67; nº 68; nº 69; nº70, nº 71; nº 72; nº 73; nº 74. ASCMB, Livros nº 0475 ; nº 30; nº 29. ASCMG, Livro nº 321; nº 366; nº 367; nº 368; nº 369; nº 370; nº 371; nº 373; nº 369; nº 369; nº 374; nº 375. ASCMVC, Livro que serve de se assentarem os defuntos que esta santa caza da Misericórdia acompanha na sepultura feito no ano de 1680; Livro de Receita e Despesa do anno de 1689 para 1690.

Se atentarmos no estado civil dos arcuenses assistidos pelas várias Misericórdias, verificamos que, tanto no caso das mulheres como nos homens, predomina o grupo dos solteiros, com 78 casos. O despreendimento familiar associado, em muitos casos, à juventude, permitia a estes indivíduos partirem para outros territórios em bus-

ca de trabalho e dinheiro para o seu sustento e da família que ficava. É possível que buscassem, também, posses económicas para iniciar um novo núcleo familiar, através do casamento. Os casados e viúvos são pouco frequentes. Talvez porque se encontrarem numa fase mais adiantada da sua vida, e com maiores responsabilidades e amarras para com o agregado familiar, o que diminuiria a coragem para partir pelas estradas do reino, enfrentando riscos que colocavam em causa a sua sobrevivência.

O mesmo se denota, quando atentamos nas faixas etárias dos assistidos. Dos registos analisados apenas dezassete indicam a idade dos internados. Destes, quinze eram indivíduos entre a adolescência e a vida adulta, com idades compreendidas entre os 12 e os 34 anos, sendo dez deles referidos como moça, moço ou rapaz, termos que expressam mocidade.²⁹ Somente dois casos estavam na casa dos cinquenta.³⁰

Portanto, destacam-se os indivíduos em plena vida ativa, trabalhadores migrantes que buscavam procurar garantir o sustento dos seus agregados familiares.

Ao colocarmos em evidência a divisão por sexo, verificamos que os homens correspondiam a 73% dos assistidos, ficando as mulheres pelos 27%. Note-se que, neste período, o papel da mulher desenrolava-se no seio familiar. As estradas apresentavam muitos perigos, tanto a nível físico como moral.³¹ Contudo, é notória uma tendência crescente de mulheres que viajavam sozinhas, na época moderna, possivelmente em resultado da

²⁹ Bluteau, Rafael. Dicionário da Língua Portuguesa..., Tomo II, pp. 88, 284.

³⁰ Para um destes moços temos a descrição física. Corresponde a João Fernandes, da freguesia de Santa Comba de Eiras, com 21 anos, casado e descrito como sendo de estatura ordinária, cara grossa e olhos pretos. Entrou no hospital da Santa Casa de Barcelos em julho de 1770 e saiu dele em agosto do mesmo ano. ASCMB, Livro nº 30, fl.26.

³¹ Moreno, Humberto Baquero. "Vias portuguesas de peregrinação a Santiago...", p. 82.

emigração dos maridos ou pela falta de suporte familiar que as obrigava a sair em busca de trabalho.³²

TABELA 2 – PROFISSÕES DOS ARCUENSES AUXILIADOS PELAS MISERICÓRDIAS

Profissão	N.º trabalhadores
Pedreiro	18
Criado	9
Estudante	2
Alfaiate	1
Carpinteiro	1
Sapateiro	1
Trabalhador	2

Fonte: ASCMP, HDLA, Série 002 - Entradas de Enfermos no Hospital: Cota nº 2; 3; 6; 7; 10; 11; 15; 16; 18; 19; 24; 25; 31; 32; 33; 39; 40; 41; 63; 64; 65; 66; 67; 68.

Subsérie 004 - Entradas de Enfermos de Moléstia Contagiosa (Gálico) no Hospital, Cota nº 1; 2; 4; 5; 8; 11; 12. ADB, FSCMB, Livros nº65; nº 66; nº 67; nº 68; nº 69;

nº70, nº 71; nº 72; nº 73; nº 74. ASCMB, Livros nº 0475; nº 30; nº 29. ASCMG,

Livro nº 321; nº 366; nº 367; nº 368; nº 369; nº 370; nº 371; nº 373; nº 369; nº 369; nº 374; nº 375. ASCMVC, Livro que serve de se assentarem os defuntos que esta santa caza da Misericórdia acompanha na sepultura feito no ano de 1680; Livro de Receita e Despesa do anno de 1689 para 1690.

Grande parte dos arcuenses assistidos, pelas misericórdias nortenhas, eram migrantes que tinham rumado ao Porto, à procura de trabalho. Conseguimos identificar algumas das suas profissões, sendo a mais comum a de pedreiro, com 18 casos. Um deles estava a trabalhar nas obras do Juiz da Alfândega, no Porto,³³ e outro na cerca dos frades do Carmo, na mesma cidade.³⁴

Havia ainda nove casos de criados de servir, três dos quais do sexo feminino. Uma dessas mulheres era natural de Soajo e servia como criada de um ourives, na Rua Nova da cidade portuense.³⁵ Quanto aos homens, um deles era criado de um cocheiro, na cidade de Braga e outro era criado de Jacome Bellon e Companhia, mercador de mercearia e morador na Rua das Flores, no Porto. Este último entrou para se curar em 20 de outubro de 1747 e acabou por falecer, no hospital, seis dias depois.³⁶

Um caso interessante diz respeito a um carpinteiro, Inácio Rodrigues, filho de um casal de lavradores, da freguesia de Carralcova.³⁷ Foi admitido a três de fevereiro de 1728, no hospital Dom Lopo de Almeida, para se curar de «curssos».³⁸ Vinha de Lisboa, onde trabalhava, na Ribeira das Naos.³⁹ Sublinha-se, através destes registos, a forma como alguns migrantes

³³ Manuel Barbosa, oficial de pedreiro, casado e originário da freguesia do Couto. Entrou no hospital Dom Lopo de Almeida, em 1768. Nessa época, encontrava-se a viver em Santo Ildefonso, numa casa alugada, onde tinha deixado um cobertor e uns calções. Entregou a chave da dita casa aos irmãos da Misericórdia e, para o caso de falecer, disse só dever sete vinténs (140 réis) ao senhorio. Avisou que tinha de pagar esse valor até dia três de fevereiro do mesmo ano. Naquele momento, estava a trabalhar como pedreiro, nas obras do Juiz da Alfândega, devendo-lhe o seu mestre 2400 réis, dos seus jornais. Disse ainda que tinha uma dívida, de 850 réis, para com o pedreiro João Esteves. ASCMP, HDLA, Série 002 - Entradas de Enfermos no Hospital, cota nº. 52, fl. 317v.

³⁴ João Gonçalves, solteiro, da freguesia de Cabreiro. Entrou no hospital Dom Lopo em 1768, quando trabalhava como pedreiro na cerca dos frades do Carmo. Recolhia-se no quartel dos pedreiros que ficava acima da capela de Santo António, na rua do Bom Jardim, em Santo Ildefonso. Declarou que o mestre pedreiro ainda lhe devia os seus jornais, no valor de 2200 réis. ASCMP, HDLA, Série 002 - Entradas de Enfermos no Hospital, cota nº 52, fl. 341v.

³⁵ ADB, FSCMB, Livro nº 73, fl. 45.

³⁶ ADB, FSCMB, Livro nº 73, fl.20v; ASCMP, HDLA, Série 002 - Entradas de Enfermos no Hospital, cota nº 40, fl. 362.

³⁷ ASCMP, HDLA, Série 002 - Entradas de Enfermos no Hospital, cota nº 33, fl. 56.

³⁸ Embora não tenha sido possível encontrar uma descrição do que seria o mal de cursos, é possível que diga respeito a problemas intestinais e aos excrementos saídos do corpo dos doentes de câmaras. Esta última é, segundo Bluteau sinónima de «curso» e «evacuação de ventre». Veja-se Bluteau, Rafael. Dicionário da Língua Portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio Morais Silva. Tomo I, Lisboa: Oficina de Simão Thadeo Ferreira, 1790, pp. 219, 356.

³⁹ Trazia dois mil e dez réis, provável resultado dos salários que ganhara. Faleceu três dias depois. Trouxera-o até ao Porto um arrieiro, pago para o levar até Braga. Não tendo concluído a viagem, o arrieiro restituiu o dinheiro à Misericórdia do Porto, num valor de 615 réis. Esta quantia, em conjunto com a que Inácio portava, permitiram pagar os seus gastos, nos três dias que esteve no hospital, além do hábito com que foi enterrado, a cova e a missa de funeral, num total de 1620 réis. Retiraram, ainda, mais 962 réis, valor gasto nas mezinhas da botica.

arcuenses fizeram parte de momentos fundamentais da história nacional, fosse trabalhando na Ribeira das Naos, o grande porto marítimo do Império Português, ou em obras de grande destaque da cidade do Porto, como eram as realizadas na alfândega e nos edifícios da Ordem do Carmo.

Identificamos, ainda, dois estudantes, Baltazar Vaz, natural de Rio de Moinhos, estudante em Salamanca que entrou para se curar de febres em junho de 1621, no hospital de São Marcos, em Braga,⁴⁰ e Manuel da Costa, estudante da «4º classe», na cidade de Braga, originário da freguesia de Cabreiro, entrou para se curar do mesmo, em fevereiro de 1632.⁴¹ Por último, dezoito dos casos analisados foram descritos como pobres ou mendicantes que pediam porta a porta.

Com alguma relevância surge, também, a carreira militar. Identificamos nove soldados e um tenente, sendo este último, Manuel de Araújo, originário da freguesia de Sistelo.⁴² Entrou no hospital para se curar de umas estocadas que o atingiram na barriga e num braço.

TABELA 3 – MOTIVOS DE ENTRADA DOS DOENTES ARCUENSES NOS HOSPITAIS DAS MISERICÓRDIAS⁴³

Motivo de entrada	N.º de casos
Febre	29
Curar de uma perna	4
Purgar de achaques	4
Gálico	6
Curar de pancadas	2
Ferida na cabeça	2
Maleitas	2
Sezões	2
Curar de um braço	1
Curar de uma mão	1
Doente de bexigas	1
Doente do estômago	1
Erisipela	1
Estocados na barriga e num braço	1
Purgar dos olhos	1
Uma queda	1
Prinaipia (sic)	1
Cursos	1

⁴⁰ ADB, FSCMB, Livro nº 65.

⁴¹ ADB, FSCMB, Livro nº 66, fl. s.n

⁴² ADB, FSCMB, Livro nº 71, fl. 34.

⁴³ Sezões corresponde a um «acesso de febre, intermitente ou periódica, precedido de frio e de calafrios»: “sezões”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/sez%C3%B5es> [consultado em 28-04-2021].

Dos 191 casos em análise, sabemos as doenças que afetaram 61 indivíduos. Quase metade dos internados tinham sido acometidos por febres. Destaque, ainda, para quatro doentes aleijados das pernas e mais quatro que procuravam curar-se de feridas nos braços, mãos e cabeça. As febres e as feridas consistiam nos problemas de saúde mais comuns, para os peregrinos e viajantes. A debilidade dos corpos, extenuados e mal alimentados, associada à falta de higiene e à partilha de esteiras e enxergões, com outras pessoas, facilitava a propagação de vírus e bactérias. Já os ferimentos tornavam-se frequentes devido a quedas, atropelamentos por animais e carroças, ataques de ladrões, ou resultantes de lesões e fraturas originadas pelos longos dias de caminhada.

Fonte: ASCMP, HDLA, Série 002 - Entradas de Enfermos no Hospital: Cota nº 2; 3; 6; 7; 10; 11; 15; 16; 18; 19; 24; 25; 31; 32; 33;

39; 40; 41; 63; 64; 65; 66; 67; 68. Subsérie 004 - Entradas de Enfermos de Moléstia Contagiosa (Gálico) no Hospital, Cota nº 1; 2;

4; 5; 8; 11; 12. ADB, FSCMB, Livros nº65; nº 66; nº 67; nº 68; nº 69; nº70, nº 71; nº 72; nº 73; nº 74. ASCMB, Livros nº 0475 ; nº

30; nº 29. ASCMG, Livro nº 321; nº 366; nº 367; nº 368; nº 369; nº 370; nº 371; nº 373; nº 369; nº 369; nº 374; nº 375. ASCMVC, Livro que serve de se assentarem os defuntos que esta santa caza da Misericórdia acompanha na sepultura feito no ano de 1680; Livro de Receita e Despesa do anno de 1689 para 1690.

Encontramos, ainda, quatro indivíduos que entraram para se curar de gálico⁴⁴, aproveitando as curas gerais realizadas nos grandes hospitais, na Primavera e Outono, pois eram os períodos mais indicados para esses tratamentos.⁴⁵ Registamos, também, três pessoas agredidas. João Barbosa chegou ao hospital de Dom Lopo de Almeida num carro, embrulhado num cobertor, e

⁴⁴ Gálico ou «mal francês» era o termo pelo qual se denominavam, no período moderno, os doentes de sífilis. Boubas era também sinónimo da mesma doença e consistia em impigens que apareciam na pele, como resultado do gálico. Bexigas era uma «efspecie de empoa que fe ergue fobre a cutis, cheia de hum humor acre, e corrofiwo». Leia-se Bluteau, Rafael, Dicionário da Língua Portuguesa..., pp. 180, 193.

⁴⁵ Araújo, Marta Lobo de. “O Tratamento das boubas no hospital de S. Marcos de Braga na Época Moderna”. Em Pérez Álvarez, María José e Lobo de Araújo, María Marta (coords.). La respuesta social a la pobreza en la Península Ibérica durante la Edad Moderna. León: Universidad de León, 2014, p. 34.

em estado muito grave.⁴⁶ O escrivão anotou que tinha levado muitas pancadas de ladrões. Logo faleceu. Também em estado grave chegou Pascoa da Rosa, solteira, da freguesia de São Cosme e Damião.⁴⁷ Tinha sido deixada à porta do hospital, não se sabe por quem, e por se encontrar muito mal, foi recolhida pelos irmãos. Acabou por falecer.

Os ladrões constituíam um dos grandes perigos que se escondiam nas bermas das estradas. Procuravam surpreender pessoas como António Rodrigues, solteiro, da freguesia de Cabana Maior, que entrou no hospital de Dom Lopo de Almeida a 2 de novembro de 1744.⁴⁷ Dizia possuir três mil, cento e cinquenta réis para pagar os gastos que fizessem na sua cura. Trazia ainda uma caixa de ouro com 67 mil 680 réis, quantia muito avultada, se considerarmos que grande parte dos peregrinos e viajantes não trazia consigo dinheiro. Pagou 3010 réis da estadia no Dom Lopo.

António Rodrigues era, provavelmente, um homem de negócios, a julgar pela quantia que transportava. Contudo, desconhecemos a sua profissão assim como o ramo da atividade a que se dedicava.

Dos 191 casos analisados, sabemos que seis estavam em viagem. Dois vinham de Lisboa, outro de Abrantes. De Almeida era procedente um soldado, João de Barros, da freguesia de São Jorge. De França vinha Pedro de Souza da Cunha, ajudante de infantaria e natural da freguesia do Vale.⁴⁸ Este último entrou no hospital de São Marcos em março de 1708. Por último, Alexandre Esteves, assistido no hospital da Misericórdia de Guimarães, em janeiro de 1725, trazia carta de guia da Misericórdia de Mesão Frio.⁴⁹ Ficou internado apenas um dia, uma vez que no seguinte foi enviado, numa cavalgadura, para os Arcos.

TABELA 4 – TEMPO DE INTERNAMENTO DOS ARCUENSES ASSISTIDOS NOS HOSPITAIS

Dias de internamento	Nº de casos
01 a 03	4
04 a 06	13
7	7
08 a 11	15
12 a 15	13
16 a 21	14
23 a 27	9
31 a 33	3
34 a 36	2
43	1
117	1

No que diz respeito ao tempo de internamento, conseguimos verificar, através das datas de entrada e saída dos doentes, a quantidade de dias que permaneceram no hospital 82 dos casos analisados. Como podemos ver, na tabela anexa, uma parte considerável dos doentes permanecia nos hospitais entre oito a 21 dias. Apenas 17 pessoas ficaram no hospital menos de sete dias. No caso dos doentes de gálico ou boubas, o tratamento, comumente, demorava cerca de 12 dias, podendo, por vezes, ser maior.⁵⁰ Para os restantes males, o tempo de internamento era variável e os doentes permaneciam nas enfermarias até se encontrarem convalescidos.

Fonte: ASCMP, HDLA, Série 002 - Entradas de Enfermos no Hospital; Cota nº 2; 3; 6; 7; 10; 11; 15; 16; 18; 19; 24; 25; 31; 32; 33;

39; 40; 41; 63; 64; 65; 66; 67; 68. Subsérie 004 - Entradas de Enfermos de Moléstia Contagiosa (Gálico) no Hospital, Cota nº 1; 2;

4; 5; 8; 11; 12. ADB, FSCMB, Livros nº65; nº 66; nº 67; nº 68; nº 69; nº70, nº 71; nº 72; nº 73; nº 74. ASCMB, Livros nº 0475 ; nº 30; nº 29. ASCMG, Livro nº 321; nº 366; nº 367; nº 368; nº 369; nº 370; nº 371; nº 373; nº 369; nº 369; nº 374; nº 375. ASCMVC, Livro que serve de se assentarem os defuntos que esta santa caza da Mizericordia acompanha na sepultura feito no ano de 1680; Livro de Receita e Despesa do anno de 1689 para 1690.

Alguns doentes ficavam internados entre um mês a um mês e meio. José Rodrigues, da freguesia de Gondoriz, ficou no hospital Dom Lopo de Almeida durante quatro meses, entre cinco de fevereiro e dois de

junho de 1746. Vivia no Porto, em casade Serafina Col. Não sabemos qual foi a doença que motivou o seu internamento. Foi seu fiador, para ser admitido a tratamento, João Álvares, marinheiro, que se obrigava a pagar todos os gastos, caso não fosse apresentada uma certidão de pobreza. Contudo, José apresentou o dito documento no dia 12 de junho de 1746, dez dias depois de ter tido alta. Se tivermos em conta que Inácio Rodrigues tinha pagado, só da botica, por três dias que estivera no hospital, 962 réis, verificamos que José pagaria uma quantia muito avultada pelos quatro meses de tratamento e respetivos gastos da botica. Por isso, era fundamental apressar-se a apresentar a certidão de pobreza que o isentava dos custos de internamento.

Verificamos, ainda, que dos 191 doentes admitidos a cura, 21 acabaram por falecer. Foi o caso de Francisco de Abreu, da freguesia do Vale. Chegou ao hospital de São Marcos, no dia 23 de agosto de 1707

«(...) em estado tao miserável...
trazido na cadeia
deste hospital e quasi morto encapas
de se confessar.
Tratousse delle de noute com todo o cuidado, tornou a si, confiouse, comungou
e foi ungido e morreo hoje 24
do dito mes, e foi sepultado
neste hospital»⁵¹

Note-se o cuidado que o escrivão teve em referir que se tratou deste moribundo durante toda a noite. Neste período, os capelães, médicos e enfermeiros tinham a obrigação de permanecer junto dos doentes, quando estes estavam em situação perigosa.⁵² Era importante não deixar que ninguém morresse sozinho, pois nesse momento a salvação da alma corria perigo. Desta forma, o capelão deveria estar ao lado da pessoa e incentivá-la a confessar-se, rezando orações que ajudassem à sua boa morte. Francisco Abreu terá tido, nas palavras do escrivão, uma boa morte, uma vez que esteve sempre acompanhado e num momento de

lucidez, durante a sua agonia, conseguiu confessar-se, comungar e receber a extrema-unção.

Considerações Finais

A circulação, no período moderno, era difícil e morosa. O viajante encontrava-se num estado de desamparo, sozinho, longe da sua terra, rodeado por estranhos, em locais com línguas diferentes da sua e sem grandes meios de subsistência próprios. Era uma vítima fácil para todo o género de enganos e embustes. Para apoiar estes indivíduos e diminuir os riscos das suas jornadas, foram criados mosteiros, hospitais e no caso português, as Misericórdias apresentaram-se como as grandes benfeitoras da população em trânsito, assegurando muitas das suas necessidades.

Neste sentido, demos destaque, através deste trabalho, à população arcuense que se encontrava em trânsito e que foi assistida pelas Misericórdias norte-nhas, na época moderna. Procuramos mostrar como, nos séculos anteriores aos intensos fluxos migratórios para o Brasil, Estados Unidos da América e França, a população arcuense já se socorria das migrações internas, para garantir o seu sustento e sobrevivência.



⁴⁶ ASCMP, HDLA, Série 002 - Entradas de Enfermos no Hospital, cota nº40, fl. 383v.

⁴⁷ ASCMP, HDLA, Série 002 - Entradas de Enfermos no Hospital, cota nº 33, fl. 317v.

⁴⁸ ADB, FSCMB, Livro nº 72, fl. 28; Livro nº 73, fl. 34.

⁴⁹ ASCMG, Livro nº 366, fl. 24.

⁵⁰ Araújo, Marta Lobo de. "O Tratamento das boubas... p. 54.

⁵¹ ADB, FSCMB, Livro nº 73, fl.19.

⁵² ASCMB, Livro nº 9, Compromisso para o Governo do Hospital, 1716, fl. 8v.